

DESIGN & ESTILO

ARTES GRÁFICAS

O náufrago da barca tropicalista

Aos 61 anos, Rogério Duarte tem sua primeira exposição e exhibe obras-primas

ADÉLIA BORGES
São Paulo

Brilhante, criativo, polêmico. Quem o conhece rasga adjetivos para defini-lo, e se derama em superlativos. Mas são poucos os que o conhecem. Talvez por ter assumido uma posição de outsider, o designer, poeta, músico, escritor e tradutor de sânscrito Rogério Duarte parece ter ficado sempre atrás da cena. E só agora, aos 61 anos, recebe a luz dos holofotes.

"Resgatando Rogério Caos", referência ao apelido que o dramaturgo Oduvaldo Viana Filho lhe deu, é a exposição que a Associação dos Designers Gráficos (ADG) está promovendo em homenagem ao autor de verdadeiras obras-primas do design brasileiro.

A mostra na Galeria ADG, em São Paulo, dá uma idéia, embora tímida, de uma personalidade múltipla, que fez bem mais do que dar a cara do Tropicalismo. "Glauber Rocha me escreveu para Londres: 'por trás de mim e de você está Rogério'", diz Caetano Veloso num texto estampado na exposição.

Com o desapego de praticante de Hare Krishna, ele diz que a frase é um exagero. "Na verdade, Glauber, Caetano e eu somos todos baianos, membros de uma mesma tribo, uma tribo em extinção. Eu como curandeiro, Glauber o pagé e Caetano o guerreiro".

O curandeiro Rogério Duarte nas-

brasileiros Alexandre Wollner e Aloísio Magalhães.

Rogério se encontrou no design. E, no curto período entre 1960 e 68, quando foi preso e enlouqueceu, se tornou o designer gráfico mais solicitado do Rio de Janeiro para trabalhos na área cultural. Permaneceu dois anos no escritório de Aloísio Magalhães e foi editor de arte da Editora Vozes, mas seus principais trabalhos foram como autônomo — e revolucionário. Os mestres de Rogério eram formados no racionalismo da Bauhaus e da Escola de Ulm, da Alemanha, uma linguagem contida, que afirma valorizar apenas a metodologia. O discípulo manteve o rigor e o conhecimento técnico, mas

copacabana filmes apresenta

yoná magalhães
gerald d'el rey
olthon bastos
maurício do valle

deus e o diabo
na terra do sol

um filme de glauco rocha
produção: luiz augusto mendes



Cartaz para "Deus e o Diabo" (pictograma: novas linguagens)



técnicas gráficas. E mostra que ele sempre trilhou um caminho pessoal. Em vez de trocar o racionalismo alemão pelo estilo psicodélico, então em voga, ele fez uma salada de suas influências, gerando algo novo. "O psicodélico me irritava. Tudo era muito igual, aquelas letras com florzinhas. Meu único trabalho nessa linha foi a capa para o Caetano, mas mesmo assim eu transformei numa coisa pop".

"O que eu fazia era fruto de uma necessidade da época. O Tropicalismo foi um grito de alforria. Nós dizíamos: 'Não seremos mais colonizados. Não haverá nada nos indicando o rumo a seguir. Vamos seguir só a bússola do nosso coração'. O Tropicalismo foi o primeiro movimento que viu valor nas pinturas de barracas das festas populares baianas, com suas se-reias, nas pinturas dos trios elétricos, na tipografia popular".

Ele não gosta quando dizem que é o tradutor visual do Tropicalismo. "O que se traduz é uma obra alheia. Eu fui autor também. O Tropicalismo nasce no âmbito das artes visuais, com Hélio Oiticica e comigo. O Caetano e o Gil é que fazem a tradução musical do movimento".

O inovador trabalho de Rogério Duarte nas artes gráficas corria paralelo a várias outras atividades. Fundou com Glauber, Lina Bardi e Octavio Ianni um centro de produção cultural no parque Laje. Passou a dar aulas no MAM. Fez gravuras. Foi ator em "Câncer", de Glauber. Escreveu poesia, prosa e ensaios. É dele um dos primeiros textos brasileiros sobre design, o artigo "Notas sobre o desenho industrial", publicado na revista "Civilização Brasileira" em 1965. Fez incursões no jornalismo, editando a re-

meiro "surto místico". A partir daí, passou a estudar a Bíblia, frequentou sociedades teosóficas, se interessou pelo hinduísmo, foi monge budista no mosteiro zen de Santa Teresa, no Rio. Por influência de George Harrison, dos Beatles, voltou-se para o Hare Krishna. "Esse é o grupo religioso mais aberto que existe, pois incorpora a tradição de todas as religiões. Além disso, sempre fui apaixonado pela Índia e pela literatura védica, e tinha o desejo de conhecer a literatura sânscrita diretamente".

No mesmo ano de sua iniciação no Hare Krishna, 1978, diz, Aloísio Magalhães o consultou sobre a possibilidade de dirigir o Pró-Memória, mas ele recusou. Nessa época, fez a direção de arte, trilha musical e cartaz de "A Idade da Terra", de Glauber. "Minhas pesquisas me levaram a querer ser livre, nunca quis nada". Aceitou dois cargos, mas foram passageiros.

Entre 1985 e 1989, foi diretor de arte da Prefeitura Municipal de Salvador. É dessa época o bem-humorado pictograma para a seção de roubos e furtos da Polícia Técnica de Salvador publicado nesta página. E entre 1991 e 1992 foi diretor do Museu de Arte Moderna de Brasília.

Mesmo sem diploma universitário, tornou-se professor, primeiro na Universidade de Brasília e atualmente na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Quem já assistiu a suas aulas se impressiona com sua erudição e inteligência. Tem dois títulos de notório saber, um concedido pelo Ministério da Educação em 1997 e outro pela UNB em 1998.

A exposição na Galeria ADG, com curadoria do designer Augusto Lins Soares, veio

em boa hora. Ultimamente Rogério anda preocupado em seguir o conselho que Glauber Rocha lhe deu: "Inventaria-te antes que os outros te transformem num mal-entendido". Ele quer juntar seus textos em livros. Até agora, só publicou como tradutor (em 1999, a Companhia das Letras lançou "Canção do Divino Mestre", de Bhagavad Gita, que ele traduziu do sânscrito).

Rogério tem feito muitas pesquisas sobre música, cor e a relação entre os dois temas. Criou novos sis-

Por trás de sua linguagem irreverente, está um profundo conhecimento técnico